ANO 9.º — Sexta-feira, 16 de Junho de 1916 — NUMERO 426

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(•)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Um atirador de Verdun

Episodios da guerra

Foi em principios de março.

Os ataques ás posições de Verdun assumiam proporções gigantescas e os alemães, sacrificando colunas e colunas, pareciam decididos a tomar de arrancada e sem olhar para traz as formidaveis posições da famosa praça de guerra.

Os assaltos sucediam-se vertiginosamente: uns após outros, os batalhões alemães, tombavam varridos pela metralha francêsa, mas uns após outros, como que surgiam do chão num moto-continuo de caír na frente para reviver na rectaguarda e recomeçar essa interminavel carga para a morte a que os soldados do Kaiser pareciam indiferentes.

No solo, a artilheria ia abrindo, a explosões de granadas, os tumulos onde enterrava as suas proprias vitimas, que, caindo ás dezenas, deixavam nas suas filas clareiras que, ao aparecerem, davam a impressão de que os homens se tinham sumido pelas entranhas da terra.

Nas trincheiras francêsas as baixas eram tambem numerosas, mas todos os que podessem aguentar-se de pé, fazendo fogo, se negavam a abandonar o seu posto enquanto o inimigo não fôsse repelido em debandada, esmagado, desmoralisado pelo fogo infernal das Lebels, das metralhadoras e das artilherias francêsas, tão pavorosamente certeiras.

Numa das trincheiras do forte de... a maioria dos soldados estava ferida e após longas horas de tiroteio, impossibilitada pela fadiga e perda de sangue, de continuar a resistencia. Só o soldado L. mantinha o fogo e era necessario não o enfraquecer daquele lado, pois tornava-se impossivel receber qualquer reforço.

— Armas! — brada o valente, já sósinho no parapeito da trincheira — dêem-me armas!

Erguem-se tres ou quatro feridos que ainda podiam fazê-lo a custo, carregam as suas armas e vão-lhas entregando á medida que o bravo atirador vai esgotando os carregadores.

Durante algum tempo o valente soldado, ajudado pelos quatro feridos, sustenta, ele só o fogo daquele lado e, impassivelmente, como se atirasse numa carreira de tiro, dizima um pelotão prussiano que bate em retirada com sessenta baixas, sem poder, contra um só homem, ganhar um palmo do terreno da trincheira que o heroico soldado teve a gloria unica de defender sósinho!

Só quando o ataque fraquejava é que se reparou então no valoroso soldado, entre os seus quatro auxiliares, atirando ainda lentamente para melhor ajustar o seu tiro, sobre o inimigo em fuga e poude levar-se-lhe o socorro de alguns soldados, de que ele já não carecia.

Humberto Beça
Da Junta Patriotica do Norte

Films...

Amabilidades...

Alguem enviou-nos pelo correio um pedaço do jornal *A Luta* em que, a proposito da propaganda patriotica feita no estrangeiro pelo prestigioso cidadão, dr. Magalhães Lima, se lê:

> ...o sr. Magalhães Lima, palavroso e banal, incapaz de estudo e reflexão, sem outra bagagem de sciencia, de filosofia ou de historia que não seja a colhida no pitoresco noticiario dos jornais, anda a desacreditar a mentalidade do seu país com a pirotecnia discursiva que fez o enlevo dos marçanos e operarios sem trabalho na sua recuada mocidade, etc., etc., etc.

Revoltado, pede-nos quem isto nos manda que apliquêmos ao autor da catilinária o devido correctivo. Para quê, se a condenação resalta da sua propria obra?

Sempre ha cada critico!...

Está ganha a vitoria

Diz o *Seculo* que o Pápa, para salvaguardar as vidas e haveres dos seus representantes diplomaticos, comprou um vapor a que chamará *Nuncius*. A equipagem do navio será composta de suissos e o cardeal Ponti deitar-lhe-á a benção.

Ora aí está um meio de que até hoje se não lembraram os aliados para conseguirem a vitoria por um processo interessante e nada dispendioso: espargir com agua benta os navios de guerra, era tornar invulneraveis as suas couraças ás balas, ás minas e torpedos do inimigo...

Mas como é que a igreja, que se tem na conta de alumiada por Deus, faz, em pleno seculo XX, o papel de uma confraria de lapurdios de aldeia, consentindo que um dos seus membros mais graduados desça a desempenhar o papel de benzedeira ou de menino bruxo?

Nem parece assistida do Espirito Santo...

Um duelo

Relataram na quarta-feira os jornais que, em Lisboa, se realisou um duelo á espada francêsa entre o jornalista republicano Bourbon de Menezes e outro tipo que se achou ofendido por lhe terem beliscado a honra, resultando da pendencia uns leves ferimentos recebidos pelo primeiro. Os contendores não se reconciliaram e a comedia findou por o *atingido na sua honra* e uma das testemunhas solicitarem do inter-nuncio apostolico a absolvição para o pecado em que incorreram, visto serem catolicos praticantes.

O' que grandes ratões! E se o nuncio em vez da absolvição lhes désse com um chicote, já que os republicanos não teem vergonha de se prestarem ao ridiculo papel de espadachins, concedendo fóros de honorabilidade a tipos de tão arreigadas convicções e fé no Divino Mestre?...

A religião

Ha dias discutiam acaloradamente este assunto dois maduros, apresentando cada qual os seus melhores argumentos para defêsa da causa que ambos, em manifesta oposição, pretendiam impôr um ao outro. A conversa foi seguindo, os animos foram-se exaltando até que por fim apareceu quem cortasse o nó gordio á questão, metendo-se de permeio e exclamando:

—Olhem meus amigos: a religião do povo português não é a de Santo Antonio, nem a da Virgem Maria, nem a de Santo André nem a de outros santos bemaventurados e milagrosos... com festa, sermão e missa cantada... A verdadeira religião do povo português é a religião de *comes e bébes!* Com uma viola, um zabumba, uma gaita, uns ferrinhos a tocar e uma barraca de *comes e bébes* no sitio... até os livres pensadores se fazem devotos...

Escusado será dizer que nesta altura terminou a contenda indo todos jantar.

Eram horas disso...

Tal e qual

Num livro que o sr. Agostinho de Campos publicou com o titulo —*Casa de paes, escola de filhos*— lê-se:

> Os deveres do cidadão, no primeiro ano da sua vida, são coisa pouca: mamar a horas e adormecer a horas no seu berço, sem que ninguem tenha de perder tempo a embala-lo ou a cantar-lhe.

Comentando, diz outro escritor, que nenhum preceito ha, com efeito, mais rigorosamente observado em Portugal, se se atender a que na sua maioria, o cidadão português nasce para mamar e mamar é o ideal comum e a suprêma aspiração de todos.

Até parece piada aos srs. governador civil e comissario de policia de Aveiro.

Curioso

Entre a correspondencia recebida esta semana na redacção do *Democrata* destaca-se um postal com desenho feito á penna e encimado com os seguintes dizeres: *O côro de Santo Antonio passeando no campo com licença do Bispo.*

Não sabemos quem seja o autor; todavia já que nos fez rir temos obrigação de o felicitar pela sua lembrança.

Raridade—Um comissario de policia comendo a tres carrinhos...

PELA IMPRENSA

Recebemos o 1.º numero de *O Ideal Vareiro* que no principio do mez começou a publicar-se em Ovar. E' quinzenario e dirige-o o sr. Alfredo Fonseca Santos.

Longa vida.

= Passou o aniversário da *Democracia do Sul*, orgão democratico no concelho de Albergaria-a-Velha onde cada vez mais se acentuam as divergencias politicas.

As nossas felicitações.

= Recebemos os primeiros numeros dum novo jornal que começou a publicar-se em Loanda, sob a inteligente direcção do sr. dr. Antonio Gonçalves Videira. Intitula-se *Jornal de Angola* e pelo que vêmos é destinado a pugnar pelos interesses da importante colonia.

Cumprimentando-o, sinceramente lhe desejâmos uma vida despida de dificuldades.

= O diário *A Lucta* passou a publicar-se de tarde por ter assumido desde ontem a sua direcção no impedimento do capitão-medico, sr. Brito Camacho, ora chamado ao serviço activo, o sr. José Barbosa.

= Volta a falar-se na passagem do *Mundo* a nova empresa constando que um dos principaes socios capitalistas, que faz parte dela, é o sr. Marquês de Valflor.

Da redacção poucos elementos ficam.

Impossivel—Conseguir-se uma audiencia do sr. governador civil ás horas da repartição.

Os Cristos

Andam agora a fotografar-se mutuamente os dois Cristos... de Aveiro. Pelo menos é o que se infere do que publicamente aí tem aparecido em letra redonda, não se escondendo o pae do filho nem o filho do pae para melhor poderem ser focados pelas objectivas que cada um empunha. São completos, parecendo até que nasceram debaixo do mesmo signo, na mesma cama e que receberam o osculo da mesma parteira.

Uma pequena amostra da luta em que andam empenhados os inconfundiveis *patriotas.* Fala o pae do Chico Avemaria, nome por que substituiu agora aquele com que fôra registado:

....

Este menino tinha 15 anos quando pela primeira vez, na imprensa, me insultou. Era então anarquista. Revoltou-se contra a autoridade paterna, *que era da doutrina*. Fugiu de casa e foi-me insultar para uma gazeta republicana. A quadrilha *democratica* aplaudiu calorosamente. Eu perdoei-lhe, não só essa, como, depois, *mil partidas*, sucessivas e constantes. Fiz-lhe inumeros favores, muito além daqueles a que o meu dever me compelia. Pois agora, passados dez anos sobre os primeiros insultos publicos, tendo-se feito catolico, com exame de consciencia, tendo mergulhado na pia do batismo, tendo-se penitenciado, tendo-se confessado e comungado, derramando lagrimas de arrependimento, e de agradecimento e comoção por o haver tocado a graça de Deus, refinou. E' verdade, refinou. Conheço uns poucos assim. Todos os que a graça de Deus tocou desde o 5 de outubro de 1910, são assim. De maneira que se é para isto que a graça de Deus os toca, eu ergo as mãos ao céu por nunca me ter tocado, a mim, a graça do Senhor!

A quadrilha *democratica* delirou com os insultos do menino. E agora delira a quadrilha aristocratica e catolica, sem ofensa dos verdadeiros catolicos, que são poucos, com os insultos do sr.... Avemaria.

Em que difere a moral monarquica, aristocratica e catolica, da moral republicana, livre pensadora e anarquista?

Perdoei-lhe, aos quinze anos. E, depois disso, na esperança de que ele se regenerasse ou corrigisse, muitas vezes lhe tornei a perdoar. Hoje, reconhecido que são inuteis todas as esperanças e, por consequencia, todos os perdões, não lhe perdôo mais. Mas tambem não o amaldiçôo, que disso se encarrega Deus, se Deus existe, não o Deus dos abjectos tartufos, dos infames que jurando por Deus, Patria e Rei, *para inglês vêr*, cospem cinicamente a todos os instantes sobre Deus, sobre a Patria e sobre o Rei, mas o Deus da justiça imanente, que parece, atravez de tudo, real e verdadeiro. Não o amaldiçôo. Limito-me, por decencia dele e minha, a repudia-lo definitivamente. Para sempre! Por decencia de nós ambos.

....

E' edificante, pois não é? Incomensuraveis tartufos!

Cartas intimas

Minha querida

Sem resposta ainda á carta anterior, resolvi, contudo, enviar-te novas noticias, aproveitando o ensejo para dar-te pormenorisados detalhes do que se tem passado até agora, não só no malfadado côro onde se desenrolaram e continua desenrolando os acontecimentos de que te dei conta, como ainda outros que te direi pessoalmente ou por este meio, se a tua demora fôr grande.

As tias depois do créme e do vinho *benzido* pelo sr. Conego, tomado ao findar a monotona e estafadissima enfiada das trinta novenas, em maio, andam mais espertas e vivas e de novo arremataram as trezenas de Santo Antonio, não tendo faltado a uma. Muito contentes porque estão na prespectiva das destinadas ao Coração de Jesus e á Santa Rita de Cácia. Calculas qual tenha sido o motivo justificativo para me esquivar algumas vezes a acompanha-las? A *toilette*. Alégo que me contraría profundamente aparecer com vestidos, além de muito exibidos, segundo os preceitos da moda, mas de talhe já banido e faço-lhes largas divagações, justificando o descomunal confronto entre as saias modernas de *godets* e as travadinhas. Os chapeus — continuo eu — são tambem dum notabilissimo contraste, não só em feitio como nas aplicações, e explorando o assunto, no melhor da minha prelecção, exclamo em atitude serafica e mistica expressão fisionómica, com os olhos postos no tecto—provera a Deus que podéssemos todas usar habitos religiosos, como os de Santa Rita, Santa Tereza ou de Santa Joana e assim teriamos dado um golpe mortal na vaidosa exibição de vestuario que para aí se está fazendo, com terriveis efeitos para o bolso e facil provocação para uma troça publica e... bem merecida!

Quando elas todas se enternecem ouvindo estas afirmações feitas com enfase, eu acrescento:—temos, porêm, que atender ao prestigio e ao respeito do nosso nome. Se não podemos trazer o habito porque a lei proibe, não podemos evitar a moda porque a gerarquia impõe.

Foi com todo este trabalho, minha querida, que consegui a compra de dois vestidos, um imitando glacé de seda, côr magenta, a que aplicarei guarnições apropriadas e outro azul marinho, enfeitados a sêda noutro tom.

Se não te demorasses, muito gostaria consultar-te sobre o figurino a escolher.

Falta resolver o comprimento das saias. Calcula!...

Será um dia de juizo se as tias assistem ás provas!...

Contudo, deixa dizer-te: não gosto do exagero adoptado. Se tu visses as saias exibidas pelas atrizes que aqui estiveram... Um escandalo, avolumado extraordinariamente com a moralidade das peças desempenhadas. E já que te falo de teatro: espalhados os programas, tive logo decidida tenção de ir assistir aos espectaculos, sendo os titulos das comedias o meu melhor auxiliar, como vais vêr.

As tias com certeza não iam, como não foram; companhia para mim tinha-a eu: as P.; portanto, restava convencer que o espectaculo era todo de moralidade e profundo ensinamento religioso.

O Senhor roubado—contei logo ás tias—era o mais levantado tri-

unfo da religião e da piedade cristã sobre a descrença e o ateismo. Eu não conhecia a peça, mas o titulo deu margem a que a apresentasse ao *concilio*, baseada em argumentos de maior pureza e da maior crença.

Contei então a historia do *Senhor roubado*: uma veneranda imagem existindo numa igreja, em França, aos pés da qual haviam subidos valores, como prova da grande fé e não menor devoção de todo o povo daquelas visinhanças. Uma rapariga, pelas melhoras da mãe, prometera um anel ao Senhor. Restabelecida a enferma, a filha cumpriu, mas um malvado que a perseguia lembrou-se de ir á igreja para roubar o anel e com a posse dêle caluniar a sua antiga possuidora, que se chama Bernardette. Bernardette!—exclamei eu—o nome da bemaventurada que em Lourdes viu e falou á Virgem! Quando o miseravel, tentado fatalmente pelo démo (as tias benzem-se nesta altura), noute alta, entra no templo e lança mão do anel, fica aturdido, preso ao chão, os sinos tocam milagrosamente e a população que acode encontra o desgraçado, que está morto, mas de pé, junto do altar com o anel da Bernardette seguro entre os dedos. As tias teem os olhos fixos no tecto e de mãos postas abanam com a cabeça, num movimento afirmativo, que eu tomei á conta da mais completa credulidade, quando afinal era já o consentimento para que eu não faltasse *a mais uma prova de quanto é incomensuravel e inconfundivel a justiça de Deus, reduzindo ao pó os seus inimigos!*

Acrescentei ainda que a *Sóror Mariana* era um exemplo de alto amor... ao habito de freira, na clausura do mosteiro da Conceição, em Beja! *Como Santa Joana Princeza, esta freira repudia tambem amores profanos*—diz a tia L. entusiasmada! E ficámos nisto vinte e quatro horas antes da primeira noute de espectaculo.

No teatro, enfim. E—cousa curiosa, minha querida—excepção feita do sr. Conego, lá estava quasi todo o *elenco*, como dirias tu, da outra companhia que representa sem pano de bôca e sem contra-regra nos bastidores... O autentico *Senhor roubado*, minha querida, é a critica mais completa e a troça mais a proposito que eu tenho visto! O publico ria a bom rir e quando esfusiava algum dito equivalente a carapuças que em tantas cabeças presentes serviriam ás mil maravilhas, a plateia fitava com insistencia as frizas e camarotes por onde se espalhavam as dilétas e... atiradiças *filhas de Maria*.

Desde a tia Patrocinio, beata aristocratica e pretenciosa até ao Vilar Seco, magnifico exemplar de *maricas* aos recados das devotas, é completa a galeria que o autor da comedia perpassa deante do espectador.

O tesoureiro e secretario da irmandade das *Escravas do Espinho da Corôa de Santa Rita*, substituem um autentico colar de perolas da Santa por outro falso, e sobre este motivo desenrolam-se e criam-se situações ultra-comicas, acompanhadas constantemente de ditos e trocadilhos os mais engraçados.

Umas horas despreocupadas que passei; mas, quando a minha alma vibrou de dôr, triturada por uma dolorosa angustia, foi durante o desempenho da *Sóror Mariana*, especialmente na scena principal, que é a unica: quando ela, ferida no seu grande amor e na incomensuravel agonia que lhe tem causado a partida, para sempre, do conde de Chamilly, arranca das mãos do bispo a carta ultrajante que recusa, na elevação admiravel do seu sentimento, acreditar! Toda eu, minha saudosa amiga, estremecia, agitada, como se no meu peito se desencadeasse a mais furibunda tempestade, como se em verdade fôsse testemunha do momento verdadeiro em que aquela scena terrivel se tivesse passado! Como soou no meu intimo aquele grito formidavelmente aterrador que Mariana solta, lançando-se á janela dos rotulos ao ouvir o som terrivel dos clarins que a avisam da passagem de Noel, o seu amor, que para ela tudo valia e tudo representava!

Que suprema dôr, que dilacerante tortura!

— Noel!—grita ela, numa ancia que se não explica, que nem se tenta descrever — *meu amor! Quebra-me estas grades! Tira-me desta prisão! Leva-me comtigo! Eu quero viver!*

São as suas ultimas palavras na scena, que antes já nos esmaga quando, soberba e aureolada pela sublimidade daquela paixão, exclama numa agudeza unica de dôr: —*Ó minha mãe, minha mãe! Porque me não engeitaram antes? Porque me não afogaram? Porque me não estrangularam no berço? Matassem-me como se faz ás crias das cadelas que as mães engeitam! Mas não me enterrassem viva! Mas não me vestissem esta mortalha que me sufoca! Mas não me metessem neste inferno!*

Pois menina: quando a plateia estridentemente palmeava a peça e chamava os personagens, que aplaudia com calor, muitas das *habituées* do côro de Santo Antonio mostravam lagrimas nos olhos e faziam tregeitos denunciadores de grande impressão sofrida! Já viste maior cinismo? Que comediantes!

Chegam-me rumores de novos escandalos, que ficam para outra vez.

Escreve sem demora e aceita todo o afecto e estima da tua, muito tua

E. de M. C.

P. S.—Recebi ontem carta de aquela pessoa. Está bem e recorda-te com saudade e merecidas palavras.

Agora... ri, como costumas.

Impossivel—O *Flautas* aprender a lêr correctamente.

A HORA LEGAL

Foi publicado no *Diario do Govêrno* um decreto por virtude do qual a hora legal no continente da Republica é adiantada de 60 minutos sobre a fixada pelo decreto-lei de 24 de Maio de 1911, a que estão ligados os fusos do sr. Filipe da Mata.

O novo horario começará a vigorar no proximo domingo, e o seu inicio coincidirá com as 23 horas do dia de ámanhã, 17. Para este efeito todos os relogios deverão ser adiantados convenientemente no instante em que se prefizerem as 23 horas, passando a regular-se pela nova hora todos os serviços publicos e particulares.

ESPECTACULO

Promovido por um grupo de amadores teve logar o que fôra anunciado para sabado em beneficio das vitimas da guerra, enchendo-se o teatro a ponto de ser preciso aumentar-lhe o numero de logares de plateia.

A' excepção do prologo dramatico do malogrado escritor Manuel Larangeira — *A'manhã* — tudo o mais teve a infelicidade de ser mal escolhido e peor desempenhado pelo que apenas destacaremos os nomes da sr.ª D. Adelaide Duarte Silva, que se nos revelou uma distinta pianista, e do sr. Manuel Maria Moreira, que, interpretando o papel de vagabundo, se houve por fórma a merecer, sem favor, os aplausos com que o publico coroou o seu dificil trabalho.

Assistiu o sr. governador civil, naturalmente para nos demonstrar que os seus serviços clinicos nem sempre o impedem de comparecer onde lhe cumpre...

Em honra de Camões

——=—(*)=———

BRILHANTE COMEMORAÇÃO NO LICEU DE AVEIRO

Comemorando o aniversário da morte do grande épico Luiz de Camões, realizou-se no sábado, no vasto salão da bibliotéca do liceu, uma sessão de homenagem que foi das mais brilhantes a que ali temos assistido, se bem que modesta na aparencia pela falta de quem, tendo restrita obrigação de se associar a quanto se leva a efeito naquela casa de educação e ensino, principiando pelas autoridades, deixa contudo que só os alunos quasi em exclusivo compartilhem das solenidades que lhe andam adstritas como se só a eles devam interessar os assuntos que nesse estabelecimento se versam—historicos, scientificos e do maximo relêvo educativo.

Eram pouco mais de 11 horas quando o digno reitor, assumindo a presidencia, secretariado pelos ilustrados professores srs. dr. José Soares e Agostinho de Souza, abriu a sessão, iniciando com este primoroso discurso, que lhe serviu de entroito, o acto solenissimo de glorificação dum dos maiores vultos da nossa historia:

Minhas senhoras,

Meus senhores,

Caros colegas

e estudiosos alunos:

Foi-me recomendado, no ano pretérito, pelo ex.mo Ministro da Instrucção que, em 10 de Junho, aniversário da *morte* do *imortal* cantor das nossas glorias, encarregasse a um dos srs. professores deste liceu a elaboração de uma conferencia demonstrativa do altissimo valor dos Lusiadas, poema que, ao mesmo tempo que é um compendio palpitante e verdadeiro do esforço, da heroicidade, do patriotismo e da fé de um povo, é a mais perfeita e completa sintese de uma brilhantissima civilisação.

Razões ponderosas obstaram a que a palavra fluente e erudita do colega, encarregado dessa honrosa missão, aqui se fizesse ouvir, e tive eu de suprir com os meus minguados recursos, que então se exibiram por imperiosa necessidade, essa falta que ainda hoje recordo com estas palavras de sentimento que, felizmente, neste ano, são uma *demasia*, porque, como se vai vêr e ouvir, não falta quem, com frase alevantada, nos venha recordar esse grandioso e delicioso sonho que Alcacer-Quibir rudemente epilogou, sonho que um incomparavel génio salvou do esquecimento, derramando-o em estrofes do mais encendrado patriotismo pelos mais remotos confins da terra.

Neste ano quizéram os alunos deste liceu associar-se a esta patriotica comemoração, colaborando nela ostensivamente, pelo que, depois de lhes deixar aqui expresso o nosso caloroso louvor, eu poderia e deveria mesmo remeter-me ao silencio; mas, já que me cabe a honra de abrir esta sessão, consinta-se-me que, sem pretenções de lhe recrescer o brilho, pois para isso me falta merecimento, embora me sobeje vontade, tambem queime no turibulo algumas minguadas parcelas do meu pobre incenso.

Minhas senhoras e meus senhores:

Os povos, como as familias, como os individuos, tem periodos de deslumbrante prosperidade, ou de acabrunhante desdita, que uns aos outros se sucedem, como os dias se sucedem ás noites e os filhos aos pais, produto forçado de qualidades ingénitas que variadissimos factores geram e resultado fatal da sua bôa ou má orientação.

Este viçoso cantinho de terra que o esforço herculeo de um grande principe conseguiu, há quasi oito seculos, subtraír a visinhos poderosos e inscrever com brilhantes caractéres no rol das nações da Europa com o nome *masculo* de Portugal, e que os seus sucessores engrandeceram, organisaram, consolidaram e estenderam pelos mais remotos confins da terra; este fértil rincão que a bafagem do mar, de norte a sul, amenisa, que o frémito das ondas, de dia e de noite, acalenta, que os doirados raios do sol constantemente aquecem em primavera quasi perene, que a natureza, em suma, dotou com excepcionais condições de vida; este povo simples que a crença cristã tornou homogenio e forte, que os azares da guerra concretizaram e endureceram, que o mar chamou para a *aventura* e que a *aventura* tornou grande, respeitado e *venturoso*; este povo teve, como todos os outros povos, dias fastos e nefastos, épocas de esplendor e de decadencia, momentos de doida alegria ou de angustioso sofrimento.

Com a ponta da valorosa espada escreveu-lhe o destemido e astucioso Afonso o nome no mapa da velha Europa; com a lira afinada e amorosa poliu o brando Diniz as asperezas da sua dura lingua; com a inflexibilidade do seu caracter e resistencia do seu braço consolidou-lhe o 1.º João a independencia e abriu-lhe a porta para a expansão alem-mar; com feroz tenacidade e tino machiavélico o engrandeceu o 2.º João, lançando as bases do seu futuro poderío; e tornando-o temido e respeitado; e, com inveja de muitos e poderosos reis, o viu o 1.º Manuel chegar ao fastigio da gloria, tornando-se em palpitante realidade o sonho sedutor de tantas gerações heroicas.

Tudo foi crescer até este momento venturoso, e, infelizmente, excepcional e passageiro, momento que, na vida mundial, teve uma tão grande significação e influencia que bastou para vincular, para todo o sempre, o glorioso nome português á historia da humanidade.

Foi uma época de grandesas tais e tantas que, hoje, se as não comprovassem padrões perduraveis e inconfundiveis, com facilidade se entraria na convicção de que as haviamos auferido e gosado em delicioso e estonteante sonho. Foi tão potente esse impulso que, ainda agora, a três largos seculos de distancia, nos vai amparando na via dolorosa que atravessâmos.

Mas para que me demorar mais na evocação desse passado brilhante e saudoso com que a nossa alma sempre sonhadora, constantemente se enebria, fazendo-nos esquecer que, se para chegarmos a tal culminancia se gastaram seculos, poucos anos bastaram para preparar a catastrofe.

Quem tantas riquezas desperdiçou já no reinado nefasto de João III esmolava emprestimos sucessivos em todas as côrtes que ainda, há pouco, deslumbrára; a corrupção desvirtuava as finas qualidades do caracter nacional, a população baixava a metade, os preços dos generos triplicavam, a mendicidade crescia assustadoramente e a fome batia-nos á porta, acompanhada da peste que completava a ruína!

Pervertidos pelo luxo, corrompidos pela peste e pelas doenças ultramarinas, embriagados pelo misticismo, despedaçados todos os tecidos vitais e todos os vinculos morais, estendemos, quasi sem resistencia, os pulsos ás algemas Castelhanas, e, em 25 de Agosto de 1580, de poderosos senhores nos convertemos em miseraveis escravos.

Dizer o que foram esses sessenta anos de cativeiro é evocar todo um passado de vergonhas, de vexames, de ruínas e de protervias; é narrar a historia de um longo e aviltante martirio, expiação merecida e necessaria para, no termo, entrarmos com honra no convivio das nações independentes.

Sessenta anos! sessenta interminaveis anos foram precisos para sacudir esse abominavel jugo que uma longa série de êrros, de fraquêsas e de crimes, artificiosamente nos preparou.

Mas, para nossa honra, são ainda os descendentes dessa raça forte que fundou o reino, devassou os mares e avassalou continentes; são ainda os descendentes desses Barões assinalados que, num sublime arranco de patriotismo, arriscando tudo, partem as duras algemas que nos arroxeavam os pulsos, escrevem uma das paginas mais belas da historia portuguêsa e mostram ao mundo que o braço *a quem Neptuno e Marte obdeceram* ainda sustenta com firmeza o montante dos herois de Aljubarrota.

E a quem se devem tais milagres de heroismo? Que misteriosa fôrça levou um tão pequeno povo a tão desproporcionados e extraordinarios cometimentos?

E' bem facil a resposta: foi o simples e natural impulso do mais nobre sentimento de que é susceptivel o coração humano—o *amor da patria!*

Esse sentimento mimoso e perfumado, esse sentimento que o maior dos portuguêses do século XVI, com tanto ardôr exaltou, deixando dêle eterno e veemente testemunho no mais vasto e sublime poema que o génio de um homem urdiu; esse sentimento sublimado nunca, felizmente, se extinguiu em corações portuguêses, nem mesmo nas horas de maior prostração e desalento.

E é, em grande parte, aos Lusiadas que, no dizer de um grande escritor, *são os deuses penates da nacionalidade portuguêsa*, que tal milagre se deve.

Foram os Lusiadas a patria de João Pinto Ribeiro e de tantos outros nos tempos calamitosos da opressão, foi, lendo-os e comentando-os, que se criou essa alma privilegiada que nos arrancou ao cativeiro, e foi nessa *pedra monomental* que afiaram as suas espadas de combate os conspirados de 1640.

Os Lusiadas—na frase exacta e vibrante de um escritor celebre—celebram a patria com todas as energias, com todos os caracteristicos que a individualisam e assinalam:—as origens, a lingua, a religião, a poesia, a historia, a politica, a geografia, o solo, a paisagem, os temperamentos, as paixões, os mitos e as lendas.

E continua: póde dizer-se que foi Camões quem criou a lingua tal como ainda hoje ela se escreve e se fala, disciplinando-a, enobrecendo-a, dobrando-a a todas as fórmas, tornando-a um dos mais poderosos e dos mais belos instrumentos das literaturas modernas. A poesia, na fórma culta e literaria, foi ele que a tornou compreensivel e nacional, baseando-a na tradição do lirismo popular, libertando-a do convencionalismo classico, dando-lhe os metros que mais quadram á locução vernacula, á fala, á cantiga, ao ouvido... escrevendo-a não para os eruditos mas para o povo.

Minhas senhoras e meus senhores:

Pelo nosso esforço heroico criámos, é certo, um grande imperio, conquistámos um logar de destaque entre os povos civilisados, prestámos á Europa um relevantissimo serviço, libertando-a da furia sanguinosa de Mahomet II, e afirmámos pela nossa aptidão e actividade o direito a uma existencia autonoma entre os povos civilisados; mas de tudo isso, de todas essas grandêsas nada restaria já, porque outros povos as tiveram semelhantes ou iguais e cobre-os o denso manto do esquecimento, se Camões não houvesse imortalisado sob a fórma épica esse facto culminante da civilisação desses tempos heroicos.

Sem essa maravilhosa epopeia resumo precioso de todas as influencias intelectuais do seculo XVI, fecho admiravel e admirado com que a poesia universal encerra o periodo épico, sem ela, de tanta grandeza, apenas restaria memoria duvidosa em cronicas que só eruditos leriam.

Com ela a poetisada recordação das grandezas passadas continuou sempre a emocionar profundamente a alma portuguêsa, não consentindo que o fulgor da grande imagem da patria se velasse um só instante, perpetuando essa doce esperança de resurgimento que é, ainda hoje, incitante apanagio de todos nós.

E' porque o amor da patria é o sentimento mais natural, mais doce, mais duradouro e mais moralisador.

A patria é o tesoiro das nossas riquezas, dos nossos afectos, das nossas saudades e das nossas esperanças.

Foi o amor da patria que venceu em Ourique e Aljubarrota, que nos deu Ceuta e nos levou á India, que escreveu as Décadas e os Lusiadas.

E é ainda o amor da patria que aqui nos reune hoje, concorrendo, na medida das nossas forças, para a obra de educação civica, que, mais do que nenhuma outra, deve merecer os nossos disvélos.

O amor da patria não é uma concepção poetica do nosso espirito, e, que o não é, claramente o demonstram, na tempestuosa hora presente, essa desgraçada Belgica, essa atormentada Servia, esse cavaleiroso rei Alberto, cem vezes mais prestigioso agora que a corôa do sacrificio lhe cinge a fronte, essa nobre e heroica abnegação da França, essa tenaz, cruel e criminosa ofensiva dos imperios centrais, toda essa imensa coorte de assombrosos infortunios que, abalando profundamente os alicerces da velha Europa, despertaram todas as virtudes heroicas que se consubstanciam no amor da patria.

Essa temerosa conflagração é um caro, duro e doloroso ensinamento para todos, e exige que nos unamos num anceio de ordem, de solidariedade, de justiça e de amor, para que terminada ela, não sejamos sepultados na colossal derrocada e possamos sempre gritar com toda a força do nosso entusiasmo: —Viva Portugal!

Calorosamente correspondido, ao viva do sr. dr. Alvaro de Moura segue-se uma prolungada salva de palmas com que os assistentes coroam o seu burilado discurso, digno, por todos os titulos, de figurar neste jornal onde nos esforçámos por o arquivar, conseguindo-o, como se vê, e depois é dada a palavra aos academicos Horacio de Seabra, Americo de Oliveira e Eduardo Cancéla, todos do 5.º ano, a quem a memoria de Camões da mesma sorte serve de mote para sobre o inconfundivel cantor das nossas glorias bordarem largas considerações no sentido de a elevarem ainda mais, se é possivel, recolhendo tambem fartos aplausos.

As alunas Maria Candida Rodrigues Ferreira, do 1.º ano; Erminia Rosa Dias Limas, do 2.º; Eduarda Miranda, do 3.ª e Francisco da Silva Mendes, do 2.º, dão egualmente o seu concurso á festa camoneana, recitando várias poesias, que são ouvidas com geral agrado entre os unanimes e repetidos encomios dos seus colégas, professores e de mais pessoas que ocupam a sala.

Por ultimo, o professor Agostinho de Souza, a quem é dada a palavra e o auditorio recebe no meio duma estrepitosa salva de palmas, diz que muito lhe captivavam as instancias com o que os seus alunos o haviam distinguido para falar nesta sessão que não só representava uma consagração a Camões, mas tambem um momento de reconcentração da nacionalidade portuguêsa que no fim de quasi 3 séculos e meio pregunta a si mesmo se reviveu na realidade em 1640 e se lhe pertence algum logar no grande conflito da civilisação moderna; que, pelos seus labios, se ia dar cumprimento a uma ordem do sr. Ministro de Instrução que mandava que um professor fizesse aos alunos e que esse facto, por amavel incumbencia do digno Reitor e dos seus colégas, constituia para ele uma obrigação indeclinavel, o que aliás em outras circunstancias lhe seria uma honra. O sr.

Agostinho de Souza historiou largamente a evolução historica de Portugal, desde os primeiros tempos em que essa nação, pequena em territorio, praticou feitos extraordinarios, perante a historia do mundo, e que outras nações mais poderosas do que ela não se abalançavam a executar. Referiu-se particularmente ao Portugal pletorico de heroismos dos séculos XV e XVI e mostrou em frase quente e empolgante como se conseguiu sintetisar em torno do imortal Camões, toda a grandêsa do genio incarnando, toda a grandêsa da Patria.

Referindo-se ao conflito da hora presente em que os imperios centraes procuram subverter a velha, a brilhante, a admiravel civilisação greco-latina, disse que Portugal tinha ainda no seu organismo energias, e porventura retemperadas na desdita, de um povo que se afirmou sempre pelo genio e heroismo, dedicação e esperança pela causa da Patria, nessa ordem de ideias desenvolveu largamente o papel que nos pertence neste momento fatal em que nos campos heroicos de batalha se joga a existencia das proprias nacionalidades. Disse que era, por indole e educação, pacifico e pacifista, isto é, que amava a Paz e defendia o ideal da Paz, mas que não traria sobre os olhos a venda da Ilusão que lhe cerrasse o olhar, ao scenario funebre dos destroços das batalhas e ás horriveis carnificinas, rubras de sangue e incendios, para se convencer de que muito embora façamos guerra á guerra nos motivos que a pódem provocar, que ao orgão da defêsa nacional estava confiada a guarda dos nossos direitos e da nossa honra. Terminou o seu discurso fazendo uma apologia fremente de entusiasmo á Patria da sua patria, e pelo seu progresso e engrandecimento exortou sobretudo a mocidade estudiosa.

O discurso do sr. Agostinho de Souza, de que apenas damos um pequeno extracto, palido reflexo do que foi a magistral oração do talentoso e erudito professor, escusado será dizer que empolgou a assembleia, arrancando-lhe as mais intensas e calorosas ovações tal a eloquencia do seu verbo, o poder arrebatador das suas patrioticas palavras.

Disse e disse muito bem o ilustre reitor ao dar por terminada aquela festa, que o professor Agostinho de Souza a havia fechado com chave de diamante. Com efeito, assim foi. Camões e a Patria, que ele exaltou como nenhum outro poeta, tiveram a consagração devida nesta terra. Honra ao liceu que com tanto exito a levou a cabo, interessando nela os seus alunos, pois que se não fôra ele mais ninguem se lembraria de que o dia 10 de junho, posto que seja uma data lutuosa, deve ser tomada pelo povo lusitano como pretexto para fazer reviver no espirito da nação inteira a figura épica, inconfundivel, inegualavel, daquele que na sua passagem pela terra tanto renome deu ao velho Portugal, cuja fama percorre o mundo em estrofes sublimes, ungidas pelo coração reconhecido desta patria bem amada.

Raridade — O passaro que encima o chafariz do Espirito Santo...

A pesca na ria

Impossivel entrar hoje a continuação dos artigos sobre este momentoso assunto, que, todavia, continuará a ser tratado com a independencia que nos caracteriza, na proxima sexta-feira.

Notas mundanas

Adoeceu no Porto o coronel de infanteria, sr. Augusto Gonzalez Medina, irmão dos nossos amigos srs. capitão Belmiro e Virgilio Duarte Silva.

✣ *Esteve em Aveiro o nosso colêga do* Jornal de Cantanhede, *sr. Henrique Ferreira Barreto.*

✣ *Tambem aqui vimos durante a semana os srs. José Francisco Pereira, de Anadia; Manuel Simões de Oliveira, do Paço; João Afonso Fernandes, da Quintã de Loureiro; Francisco Valerio Mostardinha, Guilherme Francisco Luizo e Manuel Silvestre, de Nariz.*

✣ *Não tem passado bem de saude ultimamente o sr. dr. Elias Fernandes Pereira, secretário e professor do liceu desta cidade.*

✣ *Depois de curta estada em Aveiro seguiu novamente para Lisboa, o sr. Jaime Marques.*

Audiencia geral

Respondeu na segunda-feira, arguido de ter falsificado requerimentos para a inscripção de varios cidadãos no caderno eleitoral do concelho de Cantanhede, o sr. Antonio Augusto Simões da Cruz, residente no logar e freguezia de Covões, tendo como patrono o sr. dr. José Maria Cardoso, que em Coimbra enfileira no numero dos melhores advogados da comarca.

Com efeito, s. ex.ª fez uma brilhante defêsa do seu constituinte e com tal arte se houve na demonstração da inocencia de Simões da Cruz, que o juri lhe deu o crime por não provado, absolvendo-o unanimemente.

Ao julgamento assistiu bastante gente de Cantanhede e circunvisinhanças, a quem a causa interessava, sendo a sentença bem recebida e o sr. Simões da Cruz muito felicitado.

Jardim Zoologico

Em nosso poder o Relatorio da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal para serem presentes á assembleia geral ordinaria de 1916, que agradecemos, desejando as maiores prosperidades á util instituição que Lisboa se orgulha de possuir.

COSTA ABRUNHOSA

Retirou na segunda-feira ultima para Mangualde, o sr. José Antonio da Costa Abrunhosa, que quasi durante quatro mezes foi professor de sciencias no nosso liceu, em substituição do sr. dr. Brito Guimarães, que já assumiu a regencia da sua cadeira.

Era um cavalheiro muito sério, digno de toda a estima e que durante a sua curta estada nesta cidade soube carear as simpatias e consideração das pessoas que com ele se relacionaram. Como professor, não precisâmos de fazer o seu elogio: louvâmo-nos no conceito dos outros. Era tão digno e meticuloso no cumprimento dos seus deveres de professor, apezar de interino, desempenhava o seu cargo com tal aprumo, que consta até que alguns dos seus discipulos procuraram o sr. dr. Brito Guimarães para que ele, quanto antes, viesse tomar conta da regencia das cadeiras a cargo do sr. Abrunhosa.

Receiava-se que sua ex.ª fizesse justiça no fim do ano, doesse a quem doesse, e isto nunca agradou a quem se matricula no liceu com o fito de *passar* no fim do ano pelas malhas largas de uma benevolencia que emporcalha. A ser verdadeira tal versão, é o diploma mais honroso, o galardão mais completo com que podiam realçar o seu curto tirocinio de professor do nosso liceu. Por isso cordealmente felicitâmos s. ex.ª. E' este um caso em que Deus escreve direito por linhas tortas. Resta agora vêr se tem algum fundo de verdade o proloquio popular—que, ás vezes, *quando nos queremos levantar, partimos o nariz...* A inconsciencia tem destes percalços e inconveniencias...

Atropelamento

Encontra-se no hospital por no domingo ter sido atropelada pelo automovel n.º 2291, de Coimbra, uma pobre mulher que passava na Avenida Bento de Moura e que devido a ser um pouco surda, não se afastou a tempo de evitar o desastre.

A policia tomou conta do caso, constando-nos porém que o *chauffeur* nada sofrerá por estar isento de culpa na lamentavel ocorrencia.

OFERTA

A *Tipografia Gonçalves*, da rua do Mundo, 14, Lisboa, acaba de remeter-nos um exemplar da *Lei e Regulamento do Trabalho*, que ultimamente expoz á venda ao preço de 10 cent., franco de porte.

Muito obrigados.

JUNTA PATRIOTICA DO NORTE

O seu 5.º manifesto ao país

Cidadãos!

E' este o momento mais gràve que a história da humanidade registra, porque nunca ela foi tão flagelada pelos horrores da guerra como na hora presente, e jámais estiveram em tanto perigo as conquistas morais que são a essencia e a garantia de todos os progressos.

Mas á tempestade segue-se sempre a bonança e as dôres do presente serão ontras tantas lições proveitosas que obrigarão a reagir contra as causas que as produzem para as destruir e evitar-lhes o renascimento.

A liberdade, o direito e a justiça dos povos sairão triunfantes das duras provas por que agora passam, e dos escombros e torrentes de sangue derramado na batalha contra a tirania e a força bruta, sairá a vida nova que farà o mundo mais belo e opulento.

Em todos os espiritos se formúla já esta pergunta:

Porque se tornou possivel, nesta hora tão avançada do progresso, a criminosa loucura que arrastou os imperios centrais á infindável série de atentados, que representam pela sua ferocidade a revivescencia da barbaria primitiva no seio da civilisação?

Porque faltava á justiça internacional uma força poderosa que impuzesse a todos a lei e o dever para manter os direitos.

Como se não produziria esta tragédia se até hoje os povos teem sido os juizes em causa própria, e firmavam a salvaguarda dos seus interesses no poder dos seus exércitos e esquadras?!

Por ventura o egoismo, sem os obstáculos do dever e das responsabilidades, não exagéra nos homens e nos povos a noção do direito levando-os ao uso e abuso da força quando faltam as razões a justificar-lhes os impulsos ambiciosos?!

Até hoje teem sido apenas os pequenos Estados as maiores vitimas da falta de uma justiça forte, consciente e humana a que recorressem contra os ataques e abusos dos mais poderosos.

Os grandes povos aliados que contém o imperialismo austro-alemão julgavam-se livres desses ataques, porque se sentiam a salvo, protegidos pelo seu poder militar. Os acontecimentos da guerra têem sido para eles uma amarga desilusão.

Bem fraco sería o seu poder para se defrontarem com o monstro que os agride, se a força moral da benemerencia que espalham no mundo e da cordealidade das suas relações com os fracos, não viésse com o seu concurso a dar-lhes a vitória certa, custe o que custar.

Sem a heroicidade do sacrificio belga, a França dos direitos do homem, desprevenida, não teria tempo de mobilisar e concentrar os seus exercites para formar essa assombrosa barreira em que ela defende a liberdade do mundo. Sem o liberalismo, o espirito creador e a lealdade britanica, não teria a Inglaterra encontrado nos seus povos coloniaes e aliados um auxilio tão dedicado.

A solidariedade dos povos já não é apenas uma visão de poetas—é uma realidade nascida do perigo comum e que vai ter a mais alta expressão formando o novo estadio civilisado que já se esboça. Os aliados formarão a força que exercerá a hegemonia orientadora na vida das relações internacionais, pondo-a ao lado da justiça que imponha a todos o respeito pelas sentenças dos tribunais colectivos arbitrais a que deverão submeter-se as questões, quando se torne impossivel o acordo entre os litigantes. O acordo e comunidade de vista que estabeleceram durante a guerra, a primeira conferencia já realisada para resolverem as questões de ordem economica e comercial entre eles, são os primeiros passos pará a organisação da futura sociedade internacional, tudo indicando que a coligação continuará a manter-se acabada a guerra. Possuem eles prestigio, força militar e politica, capacidade tutelar, poder da expansão colonisadora, comercial, industrial e a mais elevada cultura. Será facil para eles essa tarefa e a necessidade a isso os obriga. O decorrer dos acontecimentos tem demonstrado a existencia de povos cujo egoismo é demasiado, e é conveniente mante-los em justos limites. Existem outros que ocultamente teem auxiliado o crime ou abertamente se colocaram ao seu lado, e é indispensavel que sofram as consequências dos seus delitos, e outros finalmente ainda terão de ser protegidos ou tutelados, porque se mostraram fracos e atrazados.

Quanto a nós, qual será a nossa situação na futura organisação internacional?

Lembremo-nos de que a guerra serve agora de balança em que se pezam os valores positivos nacionais que transitam do velho para o novo estado civilisado para lhe servirem de base.

Dos três pequenos povos, Belgica, Portugal e Sérvia, que mais nobremente se manifestaram perante o conflito, só nós temos ainda vagamente definido o futuro. O dos outros é belo e grande e apezar das torturas porque passam, renascerão maiores e mais respeitados do que jámais o foram.

Já temos a pezar do nosso lado o valor da expontaneidade com que nos colocamos ao lado dos aliados; o fornecimento de armas, munições e canhões da nossa defêsa, quando o ataque teutonico os surpreendia; o abastecimento de generos que fizeram falta á nossa economia; a apropriação dos navios germanicos que nos precipitou para o conflito e, finalmente, a nossa entrada na guerra com as ultimas escaramuças em Africa.

Não bastam aos nossos brios nacionais as provas que já démos para justificarmos as razões que nos assistem de ocuparmos no concerto dos povos o lugar a que temos direito. Ha ainda quem nos julgue decadentes e improgressivos—um povo moribundo—e é necessário proclamarmos bem alto que não é assim. Não mendigamos beneficios, reclamamos legitimos direitos que se firmam no valor do passado e tambem no do presente. Bem sabemos que as héroicidades e serviços dos antepassados só nobilitam os descendentes quando estes os pódem repetir, e que históricos direitos coloniais só são verdadeiramente respeitaveis, quando se defendem como uma herança sagrada que já não é exclusivamente nossa' porque a fizemos fructificar tambem em proveito dos outros que confiaram na nossa tutela e amparo.

Julgamo-nos sem vida e contudo o nosso esforço civilisador, a expansão da nossa raça fizeram prodigios durante esse periodo de aparente imobilidade que se seguiu ao termo da nossa epopeia maritima. Atesta o nosso esforço a posse e o desenvolvimento do nosso domínio colonial, ajudado a manter pela Inglaterra, mas que tambem nos tem obrigado a ingentes sacrificios que a compensassem do auxilio que nos tem prestado, quando as suas necessidades careceram de nós. O grande Estado brazileiro é obra nossa e glorifia o poder de uma raça, que, na sua pequenez numérica, cercada de ambições que a obrigaram aos maiores sacrificios, pobre e cançada de lutar por si e pelos outros, ainda tem energias indomaveis que agora renascem com a força dos antigos tempos!

Nas nossas mãos estão elementos poderosos de progresso que ninguem melhor do que nós póde aproveitar para o interesse comum, se a justiça no mundo deixar de ser uma aspiração inatingivel para os pequenos e fracos, mas grandes na alma.

Ocupamos o canto da terra que mais aproxima os continentes americano, europeu e africano. Possuimos as posições estrategicas da Madeira, Açôres e Cabo Verde, pontos forçados das comunicçaões entre as regiões peri-atlanticas desses continentes.

Expande-se a nossa raça pela Africa e America do Sul, exercendo sobre as populações selvagens e barbaras da primeira uma influencia como outros colonisadores não possuem. Pois bem: todos esses elementos engrandecem o nosso concurso no futuro da civilisação e conferem-nos enormes direitos, historicos, materiaes e moraes, mas falta-nos uma força que os torne inacessiveis a qualquer ataque—temos de demonstrar que somos um valor activo com que se póde contar para os tornar de interesse geral. O momento é de sacrificio, de sangue a derramar, de actos e não de palavras sonoras, de atitudes nobres e não de promessas que pódem ser tomadas como falazes. Vamos para a guerra derramar o nosso sangue, porque não queremos caîr tutelados pela justiça internacional; queremos fazer parte dela com a Belgica e a Servia para que a vóz dos pequenos Estados seja ouvida em defêsa dos fracos e oprimidos, que, se mais não teem feito pelo progresso, não é por culpa sua.

Peditorios...

—(*)—

Instrução

Os inspectores do circulo escolar enviaram uma representação ao ministério da instrução, pedindo melhoria de vencimento e promoção de classe por diuturnidade de serviço, aumento da verba de expediente, fornecimento de casa e mobilia para a secretaría da inspecção e fornecimento do *Diario do Govêrno*.

(Das **notas oficiais** da *Republica*, de **1—6—916**).

Foi, nem mais nem menos do que tudo isto, o que os senhores inspectores escolares pediram ao Ministro. A classe do magisterio primario, que sempre andou e continúa a andar mal paga e por cima de tudo vexatoriamente tratada, teve o bom senso de compreender, quando Portugal se viu obrigado a intervir no conflito europeu, que não era ocasião oportuna para pedir ao Govêrno a justa melhoria de situação que vinha reclamando.

No entanto, o professor primario vive na miséria, por todos esquecido, sempre vilipendiado e despresado até ao extremo. O professor primario de 3.ª classe vive despresivelmente com 49 centavos por dia num tempo em que a vida passou de cára a impossivel, num tempo em que o triplo sería pouco sómente para alimentação, principalmente se tivér familia ou se não tivér outros rendimentos, como acontece á maioria, e, quando lhe fôr dado passar á 2.ª ou 1.ª classe para poder ganhar 65 ou 80 centavos, está já cansado, velho e doente, minado de sacrificios e quasi á beira da sepultura com uma tuberculose ou outra doença irremediavel.

E' assim a negra e miseravel vida do professor primario, o principal factor da civilisação, e o primeiro obreiro do progresso e, apezar disso, sómente porque viu o seu país lançado no fogo devorador, absteve-se de continuar a pedir aos governos o justo aumento dos seus vencimentos para não criar dificuldades aos governantes!

Outro tanto não vêmos agora com os senhores inspectores. Com os belos ordenados de 500, 600 e 700 escudos, respectivamente em

3.ª, 2.ª e 1.ª classe, e cheios de regalias, que fazem a inveja do mais despretencioso, pois são logares onde fazem o que querem e trabalham quando querem, o que não acontece com o professor que tem programas e horarios a cumprir com trabalhos extenuantes e olhado e fiscalisado por todo e qualquer sarrafaçal, ainda aqueles senhores supõem pouco o que ganham e acham agora o momento asádo para pedirem ao Ministro mais ordenados e mais regalias, precisamente na ocasião em que o Govêrno se debate no meio das mais sérias dificuldades.

E' espantoso tudo isto! Crêmos bem que o sr. Ministro da Instrução atirará com as petições dos senhores inspectores para o cesto dos papeis velhos, dando-lhes assim o devido *despacho*, tanto mais que algumas nem mesmo teem razão de ser, como seja o fornecimento de casa para a inspecção, pois é sabido que ela é fornecida pela Câmara da séde do circulo.

Crêmos, dissémos, que o senhor Ministro não atenderá tais pedidos que, se teem alguma razão de ser, o que duvidâmos, deviam ficar para quando a ocasião fôsse mais propria do que agora. O estomago do senhor inspector escolar não é, por certo, mais subtil e delicado do que o do professor primario, seu subordinado e todavia este morre lentamente á fome e está vergado com trabalhos de toda a ordem, porque dia a dia lhe aparecem novos serviços sem a menor recompensa, enquanto o senhor inspector vai gosando bons ordenados e melhores regalias, fazendo o seu simples serviço com uma perna ás costas.

Por todas estas razões o senhor Ministro não deferirá pedidos destа natureza e em tal ocasião. Se tivésse de lhes dar satisfação, decerto começaria por atender a causa do professor primario, que é bem mais justa; se tivésse de satisfazer os ataviádos pedidos do inspectorado, não poderia deixar o senhor Ministro de começar pelo principio e dar assim ao professorado umas leis mais sábias e justas do que aquelas com que tem sido, á farta, *mimoseado*, ainda mesmo por aqueles que nos tabládos dos comicios apregoaram aos quatro ventos que o professor primario é a alavanca do progresso e o primeiro trabalhador na civilisação dos povos, pelo que era necessario colocá-lo em tudo á altura da sua importante missão, e que bem depressa se viéram a esquecer das verdades que haviam proferido para o pôrem,por vezes, em condições extraordinariamente humilhantes.

Evidentemente o senhor Ministro estabeleceria o confronto entre a classe do professorado primario, que morre á fome com miseros ordenados e fatigantes trabalhos, e muitas outras que, pouco fazendo, abarrotam as algibeiras com chorudas maquias, para começar a pagar a quem trabalha, em primeiro que a mais ninguem. E, se assim não fizésse o senhor Ministro, ou se fôsse, por acaso, satisfazer os desejos dos inspectores pondo-os ainda mais comodamente agarrados aos seus cubiçosos empregos depois de fechados os ouvidos aos clamôres duma classe que tambem quer viver, então o caso vinha permitir ao infeliz professor que bradasse sempre com toda a sua força até que triunfasse a razão que lhe assiste, a despeito de todos os riscos...

Anadia, 13 de Junho de 1916.

José Nunes Cordeiro

GARRAIADA

Alguns aficionados da arte de Montes tratam de promover uma para o proximo dia 2 de Julho, em beneficio da Delegação da Sociedade da Cruz Vermelha em Aveiro e para a qual já teem prometido o concurso de João Froes e Francisco Rocha, de Vila Franca.

O gado dizem nos que será da mesma ganadería que o forneceu para a ultima tourada a menos que préviamente seja regeitado pelos *valentes* picadores...